

FUNDAMENTOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

A photograph showing three people (two adults and one child) sitting around a table, looking at papers and a tablet. They appear to be studying or working on a project together. The background is slightly blurred.

Debbie Mello Noble

Redundância

Objetivos de aprendizagem

Ao final deste texto, você deve apresentar os seguintes aprendizados:

- Associar o conceito de redundância aos problemas de interpretação do texto.
- Exemplificar a redundância e seus comprometimentos na leitura do texto.
- Apresentar alternativas para evitar a redundância e outros vícios de linguagem.

Introdução

Você já ouviu alguém dizer que subiu para cima ou desceu para baixo? Essas expressões são muito comuns na fala cotidiana, pois, ao falar, o sujeito não necessita estar atento à estrutura daquilo que diz. No entanto, na escrita, esse tipo de expressão é denominado redundância, podendo tornar o texto repetitivo ou ser um importante instrumento de estilo ou de argumentação.

Neste capítulo, você vai compreender melhor o conceito de redundância e perceber as possibilidades associadas a ela.

O texto: uma unidade significativa

Para que você compreenda os mecanismos de construção de um texto, seus problemas e os recursos linguísticos que o enriquecem, como a redundância, se faz necessário, primeiramente, o entendimento daquilo que é considerado texto.

Muitas são as perspectivas e os entendimentos sobre este objeto fundamental na língua portuguesa. Dentre elas, temos a linguística textual, a enunciação e a análise do discurso. Ao longo do tempo, muitas formas de estudar esse objeto foram concebidas, mas alguns princípios se mantiveram em comum: a) o texto não é entendido como uma estrutura acabada; b) ele deve ser abordado em seu processo de planejamento, verbalização e construção (KOCH, 1995).

Perspectiva da linguística textual

O texto é visto, nesta perspectiva, como o “resultado da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes” (KOCH, 1995). Para a autora, o texto se constitui de elementos linguísticos que são selecionados intencionalmente por aquele que escreve/fala. A produção textual ordena esses elementos em sequência, durante a atividade verbal, e essa ordenação permite que aqueles que o leem/escutam possam com ele interagir, a partir da depreensão dos conteúdos semânticos e de práticas socioculturais.

Os conceitos propostos por Marcuschi (2008) sobre texto elucidam algumas dessas questões. Para esse autor, um texto pode ser entendido como um “tecido estruturado, uma entidade significativa, uma entidade de comunicação e um artefato sócio-histórico” (MARCUSCHI, 2008). O autor se baseia em Bakhtin para afirmar que um texto não reflete o mundo, mas sim o (re)constrói.

A partir desta perspectiva, há um conjunto de preceitos que garantem a textualidade, como, por exemplo, a coesão, a coerência e a intencionalidade. Aquilo que escapa a esses preceitos pode ser considerado um problema na construção do texto, uma vez que o objetivo de análise é especialmente os recursos linguísticos. Nesse sentido, para essa perspectiva, a redundância, geralmente, é concebida como um problema, ou seja, um pleonasmo vicioso.

Perspectiva enunciativa de texto

Na perspectiva enunciativa, o texto é questionado como uma evidência, como algo que foi dado, que todo mundo sabe o que é, como algo que possui a natureza de ser completo e com início, meio e fim.

O questionamento da perspectiva enunciativa é fundamental, pois só o fato de questionar o texto como objeto com fim em si mesmo demonstra sua posição. Assim, é preciso dizer que a enunciação é tida como um acontecimento histórico, isto é, um acontecimento de linguagem no qual se vê a língua funcionando por meio de um sujeito no discurso (GUIMARÃES, 1995). Portanto, a enunciação não está ligada à situação (aqui e agora).

Esse ponto de vista considera que os recursos linguísticos e semânticos são importantes como um apoio para a análise de um texto. Isso quer dizer, em outras palavras, que olha para o funcionamento desses recursos, mas preocupa-se fundamentalmente com a compreensão dos sentidos em um texto.

Para essa perspectiva, então, a redundância não é necessariamente um problema a ser resolvido na frase, porém deve ser olhada no todo do texto,

buscando compreendê-la na construção dos sentidos. Por isso, é possível falar em redundância como um recurso para a construção da argumentação, por exemplo.

Perspectiva discursiva de texto

Em uma perspectiva denominada discursiva, o texto é visto como uma peça de linguagem; uma vez que representa uma unidade significativa, as palavras não significam em si, pois é o texto que as significa (ORLANDI, 1996). Dessa perspectiva, entende-se que o texto, apesar de ser uma unidade significativa, não é uma unidade fechada, pois é considerado incompleto. Incompleto porque ele sozinho não significa, uma vez que é preciso relacioná-lo com outros textos, com suas condições de produção, com sua exterioridade.

Segundo a autora, na perspectiva do discurso, “o texto é lugar de jogo dos sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade” (ORLANDI, 1996). Por ser esse lugar de jogo dos sentidos, é que não podemos tomar a redundância em um texto somente como um problema.

Você vai ver neste capítulo que são três os aspectos da redundância que devem ser considerados: a redundância como problema, ou seja, o chamado pleonasmo vicioso; a redundância como recurso para a argumentação; e a redundância como figura de linguagem, ou seja, o chamado pleonasmo literário.

A redundância e seus comprometimentos

Você certamente já ouviu ou já falou que “subiria para cima” ou “desceria para baixo”. Na fala, pela espontaneidade com que a levamos em nosso cotidiano, não há tempo para refletir sobre as regras da língua. No entanto, na escrita, há certos preceitos que devem ser observados. Ao leremos um texto que contenha ideias iguais expressas de maneira semelhante, observamos que ele se torna muito repetitivo e, na maioria das vezes, cansativo de ler.

Por isso, a redundância é, muitas vezes, um grande problema na construção e na interpretação textual.

A redundância afetando a textualidade

Na construção do texto, pela perspectiva da linguística textual, como vimos, é preciso observar alguns critérios de textualidade. Dentre eles, está a intencionalidade, a linearidade e a coerência.

Um dos aspectos que contribuem para a coerência de um texto é justamente a não tautologia, ou seja, a não redundância, uma circularidade nas ideias que rompem com a linearização e com a progressão do texto. Nesse sentido, a redundância aparece como um impedimento das ideias de um texto avançarem. Veja um exemplo:

O mundo está cada vez mais “público”, cerca de 3 bilhões de pessoas têm acesso à internet. Em apenas 15 anos, o acesso à internet teve um grande avanço no crescimento da parcela da população com acesso à internet.

Observe que, no exemplo, há a repetição de uma expressão “acesso à internet”. Porém, ela não configura o problema de forma individualizada, ou seja, o problema não é a redundância na própria expressão (como seria em “subir para cima”, p.ex.).

O problema que ela causa no texto é que o parágrafo não avança por conta dessa repetição. Assim, o parágrafo não apresenta mais ideias, além do crescimento no acesso à internet, o trecho não apresenta a relação de causa e consequência que o autor buscou estabelecer.

Veja, a seguir, como funciona o pleonasmo vicioso, outro tipo de redundância muito recorrente. Procure observar a diferença entre a redundância do parágrafo anterior com o pleonasmo.

O pleonasmo vicioso

O pleonasmo vicioso é aquele em que a repetição de palavras com o mesmo sentido não possui um objetivo, geralmente ocorre despropositadamente. Configura-se como um erro, pois prejudica os critérios de clareza e coerência em um texto.

A lista a seguir apresenta exemplos de redundâncias vocabulares que são consideradas pleonasmos viciosos:



Exemplo

Elo de ligação	Ambos os dois
Encarar de frente	Multidão de pessoas
Previsão para o futuro	Amanhecer o dia
Acabamento final	Conviver junto
Juntamente com	Todos foram unâimes
Certeza absoluta	Conviver junto
Anexo junto	

Esses exemplos são encontrados com frequência em textos dissertativos, textos jornalísticos e redações escolares. Ao invés de optar por apenas uma das formas, o autor do texto acaba repetindo o sentido com outra palavra, tornando a expressão um pleonasmo, como em “elo de ligação”, pois “elo” já possui o sentido de “ligação”, não sendo necessária a repetição nem mesmo com o intuito de reforçar a ideia.

O pleonasmo também pode ser percebido sintaticamente, quando há uma retomada excessiva de um elemento. Veja um exemplo:

Quem insistia em desobedecer ao limite de velocidade, esse estava sujeito a pesadas multas.

Observe que os termos destacados se tornam redundantes, pois já há um valor de referência em quem. Nesse sentido, o pronome esse acaba não tendo função no enunciado, constituindo-se em um pleonasmo.

Outras possibilidades da redundância

Como você viu anteriormente, ao ler um texto, percebemos que as palavras não significam sozinhas: é preciso significá-las levando em consideração o todo do texto, sua relação com outros textos, a exterioridade que lhe é constitutiva.

Nesse sentido, a redundância aparece, muitas vezes, como um recurso argumentativo se deixarmos de olhar para uma palavra ou expressão como se ela, sozinha, possuísse um sentido.

Além disso, há a redundância literária, em que se considera a repetição uma marca de estilo do autor.

A redundância argumentativa

Como você viu anteriormente, as palavras não significam sozinhas, é o texto que as significa (ORLANDI, 1995). Para a autora, quando as palavras significam é porque elas têm textualidade, ou seja, porque há um discurso que as sustentam.

Em um texto publicitário, por exemplo, a repetição de um termo ou da marca reforça o discurso publicitário da venda, da filiação do público-alvo/futuro consumidor aos valores que se quer vender. Em um texto argumentativo jornalístico, como o editorial, a repetição de um termo ou de termos semelhantes se torna um recurso argumentativo a fim de levar o leitor a aderir às ideias propostas.

Segundo Guimarães, em uma análise de publicidade, a redundância pode funcionar “como um modo de não deixar esquecer. E nessa medida, ela significa a repetição como argumento. Em outras palavras, a apresentação dos objetos não é uma referência a eles, ela é uma argumentação. Diz-se a mesma coisa como modo de apresentar o dito como uma intensificação da argumentação.” (GUIMARÃES, 2010).

Desse modo, é possível compreender que a redundância nem sempre é um problema do texto ou algo produzido como uma falha do autor.

Nesse sentido, é interessante observar que as perspectivas enunciativa e discursiva de estudo do texto se valem justamente do que é considerado erro, falha ou equívoco por outras teorias em sua concepção de língua e texto. Assim, se a redundância é um erro que acarreta problemas na textualidade do ponto de vista da linguística textual, para as perspectivas enunciativa e discursiva há mais a se explorar do que essa ideia de erro.

Pleonasmo literário

A redundância como figura de linguagem é também denominada pleonasmo literário. Ela pode ser percebida como um recurso estilístico, especialmente em poemas.

Um exemplo muito interessante de ser observado é o famoso *Soneto de fidelidade*, de Vinicius de Moraes:



Exemplo

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Fonte: Moraes (1960).

O poema *Soneto de fidelidade* representa alguns dos versos mais famosos de nossa literatura. As palavras em destaque marcam algumas redundâncias que podem ser consideradas pleonasmo literário. O autor reforça, na primeira estrofe, por meio da repetição da conjunção **e**, o zelo que promete à pessoa amada.

Na segunda estrofe, o verso “**E rir meu riso e derrubar meu pranto**” marcam uma redundância literária que traz sonoridade e ênfase aos versos.

Nesse sentido, segundo Souza (2008), “esses pleonasmos são tidos como pleonasmos literários e trata-se do uso como figura de linguagem para enfatizar algo em um texto. Nessa situação de uso intencional são perfeitamente aceitáveis, empregando estilo ao texto. No primeiro caso, rir só pode ser de riso, logo o autor tentou descrever com isso a intensidade do seu sentimento.”.

Com isso, você pode perceber que o modo como se concebe a língua determina a concepção de texto. Esse ponto de vista dos variados estudos

do texto, nos apresentam diferentes formas de olhar para um mesmo objeto linguístico, como foi o caso da redundância, que ora é vista como um vício, ora como uma figura de linguagem e importante recurso linguístico na argumentação e na literatura.



Exercícios

- 1.** Sobre as diferentes concepções de texto, assinale a alternativa correta.

 - a)** Um princípio em comum entre as diferentes teorias do texto é que o texto deve ser entendido como uma estrutura acabada.
 - b)** Somente a teoria da enunciação comprehende o texto como um objeto acabado.
 - c)** Somente a perspectiva discursiva percebe o todo do texto.
 - d)** As três perspectivas estudadas (linguística textual; enunciação e teoria do discurso) entendem que o texto não é uma estrutura acabada.
 - e)** A linguística textual tem como foco apenas o processo de planejamento do texto.
- 2.** De acordo com as teorias do texto estudadas, assinale a alternativa correta.

 - a)** Para a perspectiva discursiva, o texto é constituído por elementos linguísticos que são selecionados intencionalmente por aquele que escreve/fala.
 - b)** Na perspectiva enunciativa, importa observar os critérios de textualidade no texto.
- c)** A perspectiva discursiva toma o texto como lugar do jogo dos sentidos.
- d)** A linguística textual questiona o texto como uma evidência.
- e)** A linguística textual entende o texto como lugar de funcionamento da linguagem.
- 3.** Sobre os tipos de redundância, assinale a alternativa correta.

 - a)** A redundância como um problema no texto é também denominada pleonasmo literário.
 - b)** A redundância sempre é um problema em um texto.
 - c)** A redundância pode trazer outras possibilidades em um texto, funcionando até mesmo como um recurso argumentativo.
 - d)** O pleonasmo é sempre uma licença poética.
 - e)** O pleonasmo nunca pode ser considerado uma licença poética.
- 4.** Assinale a alternativa que apresenta um exemplo de pleonasmo literário.

 - a)** A minha amada eu a vi no supermercado.
 - b)** Digo que com algumas pessoas vale a pena conversar com elas.
 - c)** Ele solicitou minha opinião pessoal.

- d)** Minha amada mora
naquela casa onde lá tem
um portão vermelho.
- e)** Chovia uma triste chuva
de resignação.
- 5.** Qual das alternativas corresponde a
um pleonasmo vicioso, ou seja, uma
redundância não proposital?
- a)** Morrerás morte vil na
mão de um forte!
- b)** É possível que haja uma guerra
bélica por causa da água.
- c)** Mar salgado de Portugal,
quanto do teu sal são
lágrimas de Portugal?
- d)** O exagero é sempre a
exageração de algo que não o é.
- e)** Não há poder. Há um abuso
do poder, nada mais.



Referências

GUIMARÃES, E. Texto e enunciação. *Organon – Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 65-70, 1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29360>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

GUIMARÃES, E. Quando o eu se diz ele: análise enunciativa de um texto de publicidade. *Revista da Anpoll*, v. 1, n. 29, p. 15-39, 2010. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/172>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

KOCH, I. O texto: construção de sentidos. *Organon – Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 21-27, 1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29382>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

MARCUSCHI, L. A. *Da escrita à fala: atividades de retextualização*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 136 p.

MORAES, V. *Antologia poética*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960. p. 96.

ORLANDI, E. Texto e discurso. In: ORLANDI, E. (Org.). *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Campinas: Pontes, 1996.

ORLANDI, E. Texto e discurso. *Organon – Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, v. 9, n. 23, p. 111-118, 1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29365>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

SOUZA, L. P. Advérbios pleonásticos: “descobrindo” uma nova modalidade de advérbio. *Cratilo: Revista de Estudos Lingüísticos e Literários*, Patos de Minas, v. 1, p. 32-38, 2008. Disponível em: <<http://cratilo.unipam.edu.br/documents/32405/38116/Adverbios-Pleonasticos.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

Leituras recomendadas

BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Unicamp, 2004. 122 p.

INDURSKY, F.; CASTRO, M. L. D. (Orgs.). O texto em perspectiva. *Organon – Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, v. 9, n. 23, 1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/issue/view/1690/showToc>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

MENDONÇA, A. S. Redundância & ambiguidade. *Letras*, Curitiba, v. 23, p. 3-12, jun. 1975. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19653>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

Encerra aqui o trecho do livro disponibilizado para esta Unidade de Aprendizagem. Na Biblioteca Virtual da Instituição, você encontra a obra na íntegra.